

**Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema**  
**Do Cinema de Estado ao Cinema Fora do Estado: Guiné-Bissau**  
**21 de maio de 2024**

UN TABLEAU AUX MULTIPLES HISTOIRES / 2021

*Um Quadro com Muitas Histórias*

*Um filme de Nilda Nangana*

**Realização:** Nilda Nangana / **Argumento, Som e Direção de Fotografia:** Papé di Nha Raça / **Assistente de Realização:** Suayla Fonseca / **Efeitos informáticos, Edição, Correção de imagem e cor, Mixagem:** Axy Demba Pro / **Anotadora:** Filomena Fernandes / **Tradução:** Mamudo Caloga / **Com a participação de** Lemos Djabatá, Ismael Hipolito Djabatá, Carlos Barros (Carbar), Manuel Júlio, Fernando Júlio

**Produção:** Nghaala Produções / **Diretora de Produção:** Anastácia Manuel Biagué da Costa / **Assistente Geral:** Binta Nanque / **Cópia:** Digital, a cores, falado em língua original, com legendas em francês / **Duração:** 12 minutos / Inédito Comercialmente em Portugal

A BATALHA DE TABATÔ / 2013

*Um filme de João Viana*

**Realização e Argumento:** João Viana / **Imagem:** Mário Miranda A.I.G. / **Som:** Mário Dias, António Pedro Figueiredo, Joaquim Pinto, Branco Nescov / **Assistente de Realização:** Paulo Carneiro / **Decoração:** Filipe André Alves / **Correção de Cor:** Iana Ferreira / **Música Original:** Pedro Carneiro / **Montagem:** Edgar Feldman / **Título:** Pedro Rosa Mendes / **Tradução:** Stephane Laurent / **Músicas da Rádio:** Supercamarimba, Balafons de Tabatô / **Com:** Mutar Djebaté (Baio), Fatu Djebaté (Fatu), Mamadu Baio (Idrissa), Mutaro Djebaté (O Marabu), Carlos Vaz (O Jornalista), Saio Camera (O Pai de Idrissa), Abdulai Sila (O Reitor), Karyna Silva Gomes (A Aluna), Demba Djebaté (Demba), Sambel Djebaté (Sambel), Sata Djebaté, Umaru Baio, Mariamama, Djelifatu, Yáyá, Fili...

**Diretor de Produção:** João Pedro Bénard / **Produção:** João Viana para a Papaveronoir / **Cópia:** DCP, falado em língua original, com legendas em inglês e legendado eletronicamente em português / **Duração:** 78 minutos / **Estreia Mundial:**

63º Festival de Berlim, CinemaxX4 a 13 de fevereiro de 2013 / **Estreia em Portugal:**  
Festival Indie Lisboa, Culturgest, 24 de abril de 2013

Com a presença de João Viana

---

*Há 4500 anos, enquanto tu fazias a tua guerra, criámos a agricultura.*

*Há 2000 anos, enquanto tu fazias a tua guerra, criámos a boa governação dos reinos.*

*Há 1000 anos, enquanto tu fazias a tua guerra, criámos as bases do reggae e do jazz.*

*Hoje, superando a tua guerra, construiremos contigo a tua paz.*

A BATALHA DE TABATÔ é parte de um díptico, composto ainda por uma curta-metragem de ficção intitulada apenas TABATÔ; uma fórmula seguida por João Viana também nos seus filmes moçambicanos MADNESS e OUR MADNESS.

A noção de dualidade permeia, como veremos, toda a longa-metragem, sobretudo na forma de oposição, como o título desde logo revela. Sublinha-se, contudo, que este não é um filme de guerra no seu sentido clássico; o conflito sugerido pelo título - *a batalha* – decorre sobretudo na mente (e, por consequência, no corpo) de um dos protagonistas. Baio é um Djidiu (palavra mandinga equivalente a griot) da vila de Tabatô que, durante a Luta de Libertação da Guiné-Bissau, lutou ao lado do exército colonial português. Como o próprio relata enquanto atravessa as florestas da sua terra natal, quando a guerra terminou e a Guiné conquistou a sua independência, Baio foi considerado um traidor e, forçado a escapar às perseguições, discriminações e fuzilamentos que então se relatavam, fugiu para Portugal. Quando, quarenta anos depois, regressa à Guiné-Bissau para o casamento da sua filha Fatu, traz uma *bagagem de recordações* dessa guerra longínqua; a escolha de palavras é propositada: desse período, Baio transporta o peso do trauma, e tormentosas memórias que se desbloqueiam assim que vê novamente o seu país, mas carrega também, na sua mala, uma inquietante caixa coberta com a bandeira de Portugal; nela, Fatu encontra um peculiar conjunto de *brinquedos*, objetos estranhos sem utilidade aparente. O impulso que leva Fatu a abrir esta misteriosa caixa será, porventura, o de tentar perceber aquilo que os inquietantes silêncios do seu pai escondem; mas a incapacidade de conferir àqueles singulares objetos um significado

– de ouvir aquilo que Baio parece escutar através deles - é evidência clara da impossibilidade de conceber e compreender uma experiência de violência tão extrema - e, por consequência, tão traumática - como a da guerra.

A este trauma acrescentam ainda o do deslocamento forçado e da rutura com as raízes, e os sentimentos de culpa e ressentimento que resultam da suposta traição ao seu povo e à sua cultura. Baio, e os muitos outros africanos que se alistaram no exército português, fizeram-no não necessariamente por uma crença política, mas seguindo – de forma mais ou menos forçada - a narrativa do colonizador. Após a independência da Guiné-Bissau, estes homens confrontam-se com um sentimento de abandono em relação ao Estado colonial que tinham servido: são forçados a abandonar a sua terra e a viajar para um país diferente, chegando frequentemente na condição de imigrantes e enfrentando todos desafios que são colocados a jovens africanos que tentam construir a sua vida numa sociedade europeia da década de 70. A necessidade de fugir do seu país, no qual se é considerado um traidor, e a sua situação de vulnerabilidade enquanto imigrante geram uma dupla exclusão que conduz a uma inevitável sensação de orfandade. Baio repete várias vezes que já não sabe tocar balafon – instrumento tradicional de Tabatô e elemento essencial na tradição do seu povo. Como descobriremos mais tarde, a arte dos Djidius nunca o abandonou verdadeiramente, sendo essa crença consequência de uma rutura com a sua terra natal e as suas tradições - Baio acredita que aquela linguagem, a dos Djidius, - já não é a sua, não lhe pertence assim como ele não pertence àquela terra.

É interessante observar como as relações familiares entre os três protagonistas – Baio, Fatu e Idrissa – se aproximam de uma possível representação *simbólica* da relação da Guiné contemporânea (e, sobretudo, de Tabatô) com a sua história, as suas tradições e o passado colonial.

Na viagem de carro com a sua filha, o homem volta a encontrar-se no mato como combatente do exército português. O seu *espírito* é tomado por esse *fantasma* da violência colonial, entrando num doloroso estado de transe que culminará no acidente que vitima a rapariga. Fatu, a única personagem feminina de destaque, remete simbolicamente para a representação da própria Guiné, desempenhando um importante papel na reconstrução da ligação de Baio à sua terra: é ela quem traz Baio de volta a Tabatô, que o recorda das tradições musicais do seu povo e que relembra que a Guiné *nunca foi verdadeiramente colonizada* – isto é, que a sua identidade nunca foi verdadeiramente destruída pelo colonizador. Também simbolicamente, acabará por morrer pouco antes de casar com Idrissa, um importante Djidiu. A morte de Fatu é retratada sem qualquer dramatismo, o que acentua a sua conceção enquanto elemento simbólico. Efetivamente, toda esta sequência sugere um universo que escapa à representação objetiva e que, não sendo onírico, remete para o domínio da espiritualidade animista. Através dos seus objetos, Baio sente e revive os sons dessa guerra longínqua, que, associados a um vermelho abrasador, recriam um cenário claustrofóbico e opressivo, que se opõe à abertura e tranquilidade do preto e branco em que comunidade musical de Tabatô é retratada. À guerra - violência

colonial na sua forma mais extrema - opõe-se a paz, a liberdade, a criação, a riqueza, a diversidade e a arte da aldeia de Tabatô: a aldeia da paz, terra da música e de Djidius.

“Na sociedade hierárquica de África antes da colonização, o Djidiu era o mestre da palavra”. Os Djidius são importantes herdeiros e portadores da tradição oral africana; cronistas musicais e, por isso, também, contadores de histórias, são figuras centrais na preservação e transmissão de histórias, mitos e conhecimentos ancestrais do seu povo e da sua comunidade, relatos e memórias apagados pela narrativa colonial hegemónica. Mas os djidius são também extraordinários artistas musicais. Em Tabatô, aldeia maioritariamente mandinga, são fabricados artesanalmente instrumentos (especialmente o Balafon), a música desempenha um papel essencial na vida em comunidade, e todos aprendem a tocar instrumentos desde criança. A primeira vez que João Viana ouve falar de Tabatô é através de um violinista alemão, que partilha consigo o desejo de viajar até à “capital da música tradicional guineense”, essa “vila localizada no interior da Guiné onde, atualmente, os seus habitantes são todos músicos djidiu”. A curiosidade que levará Viana a viajar até Tabatô e, conseqüentemente, a realizar este filme, surge deste confronto com uma desconstrução das hierarquias coloniais. “Quando os pais estavam em África, mandavam os filhos para a Alemanha estudar música; agora um alemão queria ir para África precisamente aprender música. Era uma inversão do modo como olhamos o outro.” (João Viana cit. In *João Viana, a felicidade numa sala de cinema*, Jorge Mourinha).

A BATALHA DE TABATÔ revela de forma simbólica e, simultaneamente, eficaz, o papel do colonialismo na destruição de tradições e outras formas de produção de conhecimento, e o seu impacto atual nos sujeitos e nas sociedades pós-coloniais. Da mesma forma, é evidenciado o poder curador e criador da arte e da música, celebrando, divulgando e valorizando as tradições e produções musicais mandingas sem sucumbir ao olhar fetichista do colonialismo. Também na curta-metragem de Nilda Nangana, UN TABLEAU AUX MULTIPLES HISTOIRES, se explora a vontade tornada necessidade de contar histórias de forma coletiva e através de linguagens artísticas. Um grupo de artistas guineenses – Ismael Hipólito Djabatá, Lemos Djabatá, Manuel Júlio, Fernando Júlio e Carlos Barros (CARBAR) - encontram-se para juntos criarem “um quadro poético onde a paz, a beleza feminina, a família a natureza e a música fundem-se para dar origem a uma reflexão sobre o lúdico e o sagrado, a liberdade e o poder, a tradição e a contemporaneidade”, uma pluralidade de histórias misturando “factos, memórias e imaginações” que refletem a diversidade da Guiné-Bissau.

Sara Oliveira Duarte